



Mosteiros Cistercienses

História, Arte, Espiritualidade e Património

TOMO II

José Albuquerque Carreiras (dir.)

JØRLIS
edições e publicações, lda.

PERMANECER NO AMOR: A ARTE E TEOLOGIA DE *DES HOMMES ET DES DIEUX*

SÉRGIO DIAS BRANCO*

Dizer que eu sou feito à imagem de Deus é dizer que o Amor é a razão da minha existência, porque Deus é amor. O amor é a minha verdadeira identidade. O altruísmo é o meu verdadeiro eu. O amor é o meu verdadeiro carácter. O amor é o meu nome.

THOMAS MERTON, OSCO

Amar é chegar a Deus.

JALAL-AD-DIN MUHAMMAD RUMI

Começo por estas duas citações, uma de um monge cisterciense francês, outra de um sufi persa, ambas sobre o amor e Deus, ou melhor, sobre o amor entendido como proximidade de Deus. No mesmo sentido, lemos na primeira carta de São João: “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.” (4,16)¹. Estes dois homens, nas tradições religiosas cristã e muçulmana, deram contributos significativos para o diálogo ecuménico tendo em vista a afirmação da unidade dos seres humanos, que partilham a mesma origem e o mesmo planeta. *Des hommes et des dieux* (*Dos Homens e dos Deuses*, 2010), vencedor do Grande Prémio e do Prémio do Júri Ecuménico do Festival de Cannes, é uma obra de cinema recente que continua este trabalho tão valioso. Dirigido pelo cineasta francês Xavier Beauvois, e baseado em eventos ocorridos em Tibhirine no norte da Argélia, o filme centra-se num grupo de nove

* Professor Auxiliar Convidado de Estudos Fílmicos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

¹ Todas as citações da *Bíblia Sagrada* são referenciadas no texto, entre parêntesis, e provêm da 5.ª ed. da tradução dos Franciscanos Capuchinhos, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2008.

monges trapistas que decidem, precisamente, permanecer no amor. Os monges convivem de forma íntima e pacífica com a maioria muçulmana local. A fragilidade do governo e o aparecimento de grupos terroristas criam uma nova situação que dilacera a tranquilidade e coloca em perigo de vida a população e estes membros da Ordem de Cister. A violência não os detém e depois de orarem, meditarem e conversarem, decidem ficar. Apenas dois sobreviveram ao martírio. Os outros sete foram mortos na noite de 26 para 27 de Março de 1996.

Esta comunicação analisa esta obra cinematográfica tendo em vista a apreciação do seu valor artístico e teológico. *Des hommes et des dieux* capta os hábitos que enformam um quotidiano comunitário. Tais práticas não constituem uma rotina, naquilo que esta tem de aborrecido, nem são meramente definidas pela sua frequência. Elas fazem parte do modo de habitar, que não é mais do que encontrar uma morada para o ser como escreveu Martin Heidegger². A existência dos monges é dedicada a duas acções: rezar e trabalhar, fixadas no lema associado a São Bento e à sua regra, “reza e trabalha”, “*ora et labora*”. Esta comunidade monástica funciona como um corpo quase sempre silencioso. Os seus membros repartem tarefas, sendo a sua vivência quotidiana marcada pelas sucessivas orações comunitárias da Liturgia das Horas. No entanto, este não é um grupo que se enclausura no mosteiro, sem abertura aos outros ou contacto com o exterior. Pelo contrário, Luc (Michael Lonsdale), um dos monges, é médico e oferece assistência a quem necessita dela e o grupo participa em celebrações muçulmanas na vila. Encontramos nesses o verdadeiro sentido do impulso ecuménico do Concílio Vaticano II³: o ecumenismo nada tem a ver com tolerância, com o acto de tolerar algo que não precisa de qualquer permissão para existir, mas com a partilha da verdade que une as religiões cristã e islâmica.

À medida que as ameaças crescem, a vida dos monges, limitada ao interior do mosteiro, vira-se para dentro. O filme torna-se mais nocturno e o que sobressai é um aspecto fundamental da espiritualidade cisterciense: a entrega à contemplação como procura contínua da união com Deus. É olhando internamente que os monges percebem o que têm de fazer. O que fazem é cumprir o seu voto de estabilidade, que complementa os seus votos de pobreza, castidade, e obediência. Este voto implica a aceitação da permanência na mesma congregação, com as suas memórias e raízes, sem possibilidade de transferência. A acção destes monges é portanto um testemunho de um amor que busca assemelhar-se ao amor que Deus tem por todos, sem excepção, tal como foi anunciado por Jesus Cristo. Se o amor é a “fidelidade no tempo”⁴, eles mantêm-se fiéis às suas pro-

² HEIDEGGER, Martin, «Bâtir Habiter Penser», in *Essais et conférences*, Gallimard, Paris, 2008, pp. 170-193.

³ CONCÍLIO VATICANO II, Declaração *Nostra Aetate*, http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html.

⁴ BENTO XVI, «Celebrações das Vésperas com sacerdotes, religiosos, seminaristas e diáconos na Igreja da Santíssima Trindade (Fátima, 12 de Maio de 2010)», par. 3, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2010/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20100512_vespri-fatima_po.html.

messas, à sua fé, ou seja, a si mesmos. Não havia forma de desfazerem a congregação, de faltarem aos seus compromissos de vida, de abandonarem aqueles que se tornaram próximos, sem se desligarem de Deus.

Há uma cena que condensa de forma ao mesmo tempo sutil e expressiva estas ideias. É uma cena quase sem palavras, mas as frases que a precede são fundamentais para a contextualizar e entender. Os monges já decidiram ficar e o prior Christian (Lambert Wilson) faz um discurso. Começa a falar sobre a vida monástica deles, de como encontram a salvação a fazerem o que se propuseram a fazer, ao se dedicarem às orações ou ao executarem as necessárias tarefas diárias. Acaba a falar da Encarnação. Ele afirma que Jesus Cristo nos convida sempre a nascer (Fig. 1) e diz que:

A nossa identidade de homens vai de nascimento a nascimento. E de nascimento em nascimento, nós tornamo-nos nós mesmos ao trazermos ao mundo o filho de Deus que somos. A Encarnação, para nós, é permitir que a realidade filial de Jesus se encarne na nossa humanidade. O mistério da Encarnação continua naquilo que vamos viver.

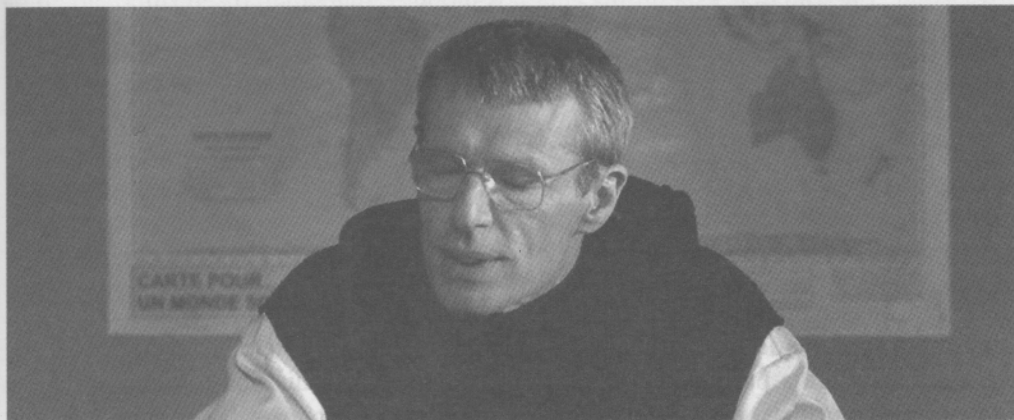


Fig. 1

Segue-se a Eucaristia, precedida de uma leitura do Evangelho: “Quem procurar salvar a vida, há-de perdê-la; e quem a perder, há-de conservá-la.” (Lc 17,33); uma passagem que se liga ao que Christian disse antes. De um lado, quem tenta salvar a vida morrendo espiritualmente. Do outro lado, a salvação espiritual alcançada por quem dá a vida. Trata-se portanto de viver a Encarnação como movimento de entrega em vez de apego, sempre com a consciência de que a morte física há-de vir, mas que ela pode vir carregada de vida. A realidade espiritual inscreve-se na realidade material – e inscreve-se, precisamente, de um modo sacramental. Daí a centralidade da Eucaristia na vivência cristã.



Fig. 2

A cena surge imediatamente depois de os monges receberem o corpo e sangue de Cristo através das espécies eucarísticas. E é também um evento de carácter eucarístico ao som da música melodiosa e dramática, doce e terrível, de Tchaikovsky para *O Lago dos Cisnes*. Luc ritualiza esta última ceia dos monges, marcando o seu ritmo, ao colocar a música a tocar e ao levar as duas garrafas de vinho para a mesa solenemente, virando-se de costas (Fig. 2) e depois procedendo de modo lento e cuidadoso. Só quando ele, o único que não tem o hábito vestido, se senta é que os outros se sentam. Luc esteve desde o início dos ataques resolutamente a favor de que eles ficassem, talvez porque é aquele que tem uma ligação mais forte ao lugar e à sua gente. A refeição é omitida, apenas os vemos a beber o vinho como sangue que borbulha de vida que será derramado. O amor que a todos une torna-se visível nos rostos alegres até às lágrimas quando a câmara os filma, primeiro rodando para a direita, depois para a esquerda, como se filmasse menos cada um e mais a cadeia que eles formam (Fig. 3). Unidos, o amor brota no meio deles. Unidos, levam o amor ao mundo. Este olhar sacramental sobre a refeição liga a partilha à dádiva. Cristo partiu o pão, distribuiu vinho, e deu-se para que eles partilhassem a sua existência e se dessem aos outros. Na comunidade que se fundou nesse gesto e à qual os monges pertencem chamada Igreja, cada um deles recebe o que lhe é dado como um convite a dar-se, como uma convocação para o amor. Também eles poderiam dizer como S. Maria Rafael: “Hoje, na Santa Comunhão senti o consolo de ver-me perto de ti, quando tudo parece que me abandona”⁵. Esta reflexão do Papa Bento XVI sobre o sentido da Eucaristia toca em muitos destes pontos e serve para os rematar, vendo o coração da Eucaristia como a comunhão do amor:

⁵ RAFAEL, Maria Fr., *Saber Esperar: Pensamentos*, ed. Fr. Maria Damián Yáñez Neira, Paulinas, Prior Velho, 2009, p. 82.

Na Igreja antiga, a palavra amor, agape, referia-se ao mistério da Eucaristia. Neste mistério o amor de Cristo torna-se sempre tangível entre nós. Nele, Ele oferece-se sempre de novo. Nele, Ele deixa que trespasssem o seu coração sempre de novo; nele, Ele mantém a sua promessa, a promessa que, da Cruz, teria arrebatado tudo a si. Na Eucaristia, nós próprios aprendemos o amor de Cristo. Foi graças a este centro e coração, graças à Eucaristia, que os santos viveram, levando o amor de Deus ao mundo de maneiras e formas sempre novas. Graças à Eucaristia a Igreja renasce sempre de novo! A Igreja mais não é do que aquela rede – a comunidade eucarística! – na qual todos, recebendo o mesmo Senhor, nos tornamos um só corpo e abraçamos o mundo inteiro. Presidir na doutrina e presidir no amor, no final, devem ser uma só coisa: toda a doutrina da Igreja, no final, conduz ao amor⁶.



Fig. 3

jeito que, devido à sua espantosa influência, estaria destinado a afirmar-se como um dos espaços fundamentais da busca cristã de Deus.

Em primeiro lugar, é preciso limitar as pretensões hegemónicas da História e da Teologia. Não pretendendo simplificar redutoramente a visão factualista (positivista) do método histórico, pese embora a necessidade de coligar e trabalhar muitos dos "factos" que são tematizados pela investigação dos historiadores, de igual modo, convém prevenir, também, que não se trata aqui de fazer sobressair uma abordagem "teológica" (explicação da transcendência do espaço

⁶ Investigador do Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP), do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCTE/SP), Lisboa.

⁶ BENTO XVI, «Homilia da Concelebração Eucarística como Bispo de Roma» (Basilica de São João de Latrão, 7 Maio 2005), par. 7, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050507_san-giovanni-laterano_po.html.